

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
Carlos Alberto Richa
Governador

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
E COORDENAÇÃO GERAL
Cassio Taniguchi
Secretário

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES

Gilmar Mendes Lourenço
Diretor-Presidente

Emílio Kenji Shibata
Diretor Administrativo-Financeiro

Julio Takeshi Suzuki Júnior
Diretor do Centro de Pesquisa

Daniel Nojima
Diretor do Centro Estadual de Estatística

EDITORAÇÃO

Maria Laura Zocolotti
Supervisão editorial

Ana Batista Martins
Diagramação

Estelita Sandra de Matias
Revisão de texto

Stella Maris Gazziero
Projeto gráfico

A CAPITAL MAIS BARATA DO SUDESTE E SUL DO BRASIL

Gilmar Mendes Lourenço*

As pesquisas de preços ao consumidor, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em nove espaços metropolitanos brasileiros, mais o Distrito Federal e o município do Goiânia, constataram a liderança da região de Curitiba (RMC), na inflação no varejo no ano de 2011. Isto significa simplesmente que a área polarizada pela capital paranaense exibiu a maior variação média dos preços pagos pelas famílias, sem representar, necessariamente, o custo de vida mais elevado do País.

Mais precisamente, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – que apura, desde 1980, as oscilações de preços dos bens e serviços consumidos por famílias com renda mensal urbana entre 01 e 40 salários mínimos, independentemente da fonte – foi de 7,13% na RMC no ano passado, contra 6,50% no Brasil.

Já, para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) – que capta, desde 1979, a evolução do valor de uma cesta de produtos comprados por membros de unidades domiciliares com rendimento entre 01 e 06 salários mínimos, provenientes exclusivamente do trabalho assalariado urbano –, o incremento foi de 6,64% na RMC e 6,08% em âmbito nacional.

Convém sublinhar que esse incômodo destaque de Curitiba representa um fenômeno recente. Isso porque, se for considerada a trajetória temporal de 17 anos de vigência do real (julho de 1994 a dezembro de 2011), a RMC figura no oitavo posto no *ranking* brasileiro dos dois indicadores. Em ambos os índices, a variação verificada em Curitiba ficou abaixo da nacional (289,75% *versus* 297,03% para o IPCA e 295,60% *versus* 307,18% para o INPC) – tabela 1.

TABELA 1 - VARIAÇÃO ACUMULADA DO IPCA E DO INPC, POR REGIÃO - BRASIL - JUL./1994-DEZ./2011

REGIÃO	VARIAÇÃO (%)	
	IPCA	INPC
Rio de Janeiro	318,29	325,01
Porto Alegre	285,67	284,23
Belo Horizonte	323,06	328,46
Recife	299,60	299,68
São Paulo	285,87	317,75
Brasília	306,87	297,19
Belém	315,70	305,41
Fortaleza	272,91	268,23
Salvador	293,17	287,30
Curitiba	289,75	295,60
Goiânia	290,11	308,52
BRASIL	297,03	307,18

FONTE: IBGE

* Economista, diretor-presidente do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES).

Essencialmente, a disparada da inflação em Curitiba em 2011 esteve ancorada no comportamento ascendente dos preços de alguns itens relevantes nos orçamentos domésticos, como alimentos (alimentação fora de casa, pescados e hortifrutigranjeiros), bebidas, combustíveis, tarifas públicas, habitação (aluguéis e serviços de reparos) e despesas pessoais.

Afora a subida dos hortifrutigranjeiros, afetados por problemas climáticos, o ajuste das tarifas públicas e as distorções no mercado de combustíveis, capitaneadas pelo álcool, as demais elevações de preços exibiram estreita sintonia com a ampliação da massa de salários (emprego e rendimentos reais), em um cenário de economia aquecida.

No que se refere aos combustíveis, a despeito da queda observada em junho de 2011, por conta dos efeitos da atitude da BR Distribuidora, que detém mais de 60% do mercado, em reduzir os preços para forçar a concorrência a adotar o mesmo procedimento, a subida superou 20% no ano.

O pior é que a menor produtividade da colheita de cana-de-açúcar, associada ao aumento de 3,4% nas vendas de veículos, e a permanência da vantagem financeira de 30% na produção de açúcar em comparação com a de etanol, devido às cotações recordes registradas no *front* internacional, resultado das quebras de safra em importantes países produtores e da impulsão da demanda nos mercados emergentes, contribuíram para a manutenção do déficit de oferta e as pressões sobre os preços, mesmo durante o período de safra.

O peso das tarifas foi fortemente determinado pelos reajustes de água e esgoto, no mês de abril de 2011, e de transporte público em Curitiba e metropolitano, em março, e rodoviário estadual, em maio. Frise-se que tais adequações foram represadas durante prolongados intervalos de tempo, na maioria das situações por interesses de natureza política, o que, inclusive, comprometeu a capacidade de investimentos das companhias estatais, especialmente no caso de água.

Para aluguéis, a explicação reside na pronunciada interferência do *boom* imobiliário, acoplado a fatores como a continuidade da recuperação da economia brasileira, e consequente ampliação dos patamares de emprego e salários, bem como o aumento e barateamento do crédito habitacional, além da insuficiência de oferta de unidades residenciais e comerciais, para suprimento do exponencial crescimento de uma demanda qualitativamente superior.

Houve ainda a formação de focos inflacionários, derivados da safra de dissídios trabalhistas, protagonizada por categorias detentoras de enorme capacidade de organização, mobilização e reivindicação, como petroleiros, metalúrgicos e bancários, e os efeitos do inverno rigoroso no volume da produção agropecuária.

Especificamente para o município de Curitiba, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), calculado pelo IPARDES para a faixa de renda entre 01 e 40 salários mínimos, indicou elevação de 5,81% em 2011, inferior aos acréscimos observados para os indicadores de inflação do IBGE, tanto os nacionais quanto os da RMC.

Apesar de os fatores de empuxe serem rigorosamente os mesmos (aluguéis, serviços de saúde e pessoais, sobretudo educação e médicos, alimentos e bebidas), o fato de a inflação em Curitiba ser menor que na RMC decorre da maior densidade das atividades econômicas da capital, propiciando maior concorrência entre os estabelecimentos comerciais e multiplicação do poder de compra dos consumidores, por meio da realização de pesquisas e pechinchas.

Para finalizar, e derrubar o argumento de capital mais cara, pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), colocou Curitiba, em dezembro de 2011, apenas como a oitava capital (entre 17 investigadas) com maior custo da cesta básica (R\$ 248,63), sendo a mais barata entre as do Sudeste e Sul do País. Lembre-se que a cesta representa a ração mensal de 13 alimentos essenciais para uma família, definida pelo Decreto Lei n.º 399, de 30/04/1938.

O que a RMC ostentava, no final de novembro de 2011, era o maior rendimento médio real dos trabalhadores, entre as sete regiões metropolitanas acompanhadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, estimado em R\$ 1.792,20. Mas isso é potencial de mercado e capacidade de compra.